

As dinâmicas de deposição e construção no sítio pré-histórico de Horta do Jacinto (Beringel, Beja)

Lídia Baptista¹

Sérgio Gomes²

Cláudia Costa³

RESUMO:

Horta do Jacinto foi identificado aquando dos trabalhos de acompanhamento arqueológico levados a cabo no âmbito da execução do Bloco de Rega do Pisão, em Beringel (Beja). A equipa de acompanhamento identificou duas estruturas em negativo no corte da vala de implantação da conduta. Uma dessas estruturas, Estrutura N.º 1, apresenta grande complexidade. Com efeito, na base da estrutura, delimitado por um anel pétreo encontrava-se o esqueleto inteiro de um suíno. Sobrejacente a este contexto, foi

identificado um esqueleto humano, de um indivíduo juvenil (idade à morte entre os 9 e os 12 anos) que, de acordo com o relatório de antropologia, não apresenta sinais de manipulação nem remeximentos após inumação, tratando-se de uma inumação em posição sentada sobre os pés. A ocorrência destes “dois corpos” permite-nos pensar a sistematização do enchimento da estrutura considerando múltiplas variáveis.

ABSTRACT:

In the poster about Horta do Jacinto we discuss how different bodies and artefacts entailed different space organizations. By considering the relationships between, what is put inside the pit and its internal configuration, it seems that, once we look at the feature as architecture, then the shape of the pit is, as important as what is inside of it, and not just as a way to think about functionality, but to understand it as an architectural device. Structure 1 is

constituted from actions that bring together soil, sculpted shape and bodies. Furthermore, the distribution of fragments of objects keeps memory at work in these spaces: they create a material tension between how things were and how things are now. Architecture here, is not just a building activity, it constructs other possibilities for, how humans, animals and artefacts relate to each other in the world.

1 – CEAUCP–CAM, Aluna de Doutoramento da FLUP, Bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (lidiabap@gmail.com)

2 - CEAUCP–CAM, Aluno de Doutoramento da FLUP, Arqueologia & Património Lda. (sergiogomes@arqueologiaepatrimonio.pt)

3 - UNIARQ-Universidade do Algarve, Aluna de Doutoramento da FCHS-UAlg, Bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (ccordeirocosta@gmail.com)

1. INTRODUÇÃO

Na estação de Horta do Jacinto foram identificadas duas estruturas em negativo correlacionáveis com a Idade do Bronze Regional. Numa dessas estruturas – a Estrutura N.º 1 – foi identificada uma sequência de enchimento onde se encontram em associação o esqueleto de um animal e outro de um humano. Neste

texto centraremos a nossa atenção neste último contexto, no sentido de contribuir para a discussão acerca do modo como as práticas arquitectónicas se entrelaçam com a construção da animalidade e da humanidade durante o período em questão.

2. HORTA DE JACINTO: APRESENTAÇÃO SUMÁRIA DOS RESULTADOS DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

A estação de Horta do Jacinto (Beringel, Beja) foi identificada aquando dos trabalhos arqueológicos da execução do Bloco de Rega do Pisão promovidos pela EDIA SA. Nestes trabalhos foram identificadas duas estruturas em negativo de cronologia pré-histórica (Idade do Bronze). A área de implantação do sítio trata-se duma extensa planície onde correm alguns dos afluentes da Ribeira do Álamo, uma linha de água subsidiária do Rio Sado (Figura 1). O substrato geológico corresponde a formações do mio-pliocénico marinho inseridas no Complexo de Odivelas - Gabros de Beja.

A Estrutura N.º 1 apresenta uma forma fechada com um contorno ao nível do topo de planta subcircular e ao nível da base circular, com 90cm e 150cm de diâmetro, respectivamente (Figura 2). O seu fundo apresentava uma superfície regular e plana desenvolvendo uma altura máxima de cerca de 180cm. No seu enchimento destaca-se a identificação de duas deposições (Figura 3): na base da estrutura, delimitado por um anel pétreo,

encontrava-se o esqueleto quase completo de um suíno (Figura 4; Anexo 1); nos níveis superiores, foi identificada a inumação de um indivíduo humano juvenil (idade à morte entre os 9 e os 12 anos) em posição sentada sobre os pés (Figura 5) (Ferreira, 2008); o enchimento encontrava-se colmatado por um nível pétreo (Figura 6).

A Estrutura N.º 2, localizada a cerca de 39,5 m para Sudeste da Estrutura N.º 1, apresenta uma forma fechada com um contorno ao nível do topo e da base de tendência circular, com 70cm e 110cm de diâmetro, respectivamente, e uma altura de 110cm. A superfície das paredes apresenta-se irregular e o fundo é tendencialmente é plano (Figura 2). No seu enchimento foram identificados fragmentos de recipientes cerâmicos e fragmentos de elementos líticos. As características deste conjunto artefactual remetem para o II.º Milénio A.C.

3. ESTRUTURA N.º 1: APONTAMENTOS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE A ARQUITECTURA E A CONSTRUÇÃO DA ANIMALIDADE E DA HUMANIDADE

Dada a complexidade do enchimento da Estrutura N.º 1, e a multiplicidade de relações que podemos estabelecer entre os vários contextos identificados, optamos por ensaiar três possibilidades da sua sistematização em Momentos. Por “Momentos” entendemos intervalos de tempo que podemos construir com base na unidade das relações que consideramos no âmbito de um contexto ou num conjunto de contextos. Deste modo, cada um dos momentos é o resultado de um exercício de interpretação onde se joga a associação de uma série de elementos que, durante o processo de escavação e registo, foram nuclearizados. A sua associação, considerada em termos

de possibilidades, abre um horizonte em que tentamos compreender a fisicalidade dos elementos produzidos durante a escavação. O sentido deste ordenamento é o de operacionalizar, num esquema de relações, as unidades e assim sugerir uma sequência de ocorrência. A correlação das ocorrências dos atributos permite-nos assim criar os “Momentos”, unidades que, pela sua coerência interna e pela sua articulação, sugerem uma sequência temporal organizada em intervalos. A métrica dessa sequência temporal está ausente neste exercício, porém, no conjunto de “Momentos” podemos pensar a duração de cada um deles.

Na Matriz Estratigráfica A (Figura 7) está representada uma sequência constituída por cinco Momentos:

- Momento I: corresponde ao conjunto de UE's associadas ao nível de pedras. A sua singularização prende-se à natureza pétreas dos elementos que polarizam este contexto. Com efeito, a presença deste tipo de materiais só se torna novamente significativa ao nível do Momento IV.
- Momento II: corresponde ao conjunto de UE's associados à deposição do corpo do animal.
- Momento III: o depósito de caliço oculta o contexto anterior, servindo, simultaneamente, de elemento que separa o corpo do animal do corpo humano e material de construção do espaço onde se deposita este último. Este momento também se destaca dos restantes por ser constituído exclusivamente por caliço.
- Momento IV: corresponde ao conjunto de UE's associados à deposição do corpo humano.
- Momento V: corresponde à colmatação do enchimento da estrutura. É constituído por um nível pétreo subjacente a depósitos argilosos com fragmentos cerâmicos e elementos líticos.

Esta sequência de momentos privilegia a nuclearização dos vários contextos. Tal operacionalidade é significativamente visível ao nível da individualização do Momento IV que separaria a deposição dos corpos humano e animal. Tal separação abre a possibilidade a uma duração maior entre os dois contextos, fazendo do enchimento da estrutura o resultado final de um conjunto de acções cuja temporalidade poderia ter privilegiado uma separação das práticas de deposição dos distintos corpos. Outra separação que é sugerida nesta sequência de Momentos prende-se à individualização da deposição do corpo do animal face aos níveis pétreos subjacentes. Com efeito, anteriormente sugerimos a hipótese de tais níveis terem funcionado como um dispositivo arquitectónico associado às práticas em que o animal é “manuseado”. Se tal associação nos parece pertinente, parece-nos igualmente importante colocar a hipótese dos níveis pétreos constituírem um dispositivo pré-existente que é recontextualizado noutras práticas. Foi neste sentido que equacionamos estes dois contextos em dois momentos distintos, sendo que a sua articulação será considerada na próxima sequência de momentos.

Na Matriz Estratigráfica B (Figura 7) está representada uma sequência constituída por quatro Momentos:

- Momento I: este Momento corresponde à articulação dos Momentos I e II anteriormente apresentados na Matriz Estratigráfica A. Como referimos, esta articulação prende-se com a hipótese deste dispositivo estar associado à deposição do corpo do animal.
- Momento II: corresponde ao Momento III apresentado na Matriz Estratigráfica A.
- Momento III: corresponde ao conjunto de UE's associados à deposição do corpo humano.
- Momento IV: colmatação do enchimento da estrutura.

A articulação entre os níveis pétreos e a deposição do material proposta no Momento I enfatiza as diferenças no tipo de tratamento que os dois corpos recebem. A este propósito refiram-se os seguintes aspectos:

- o corpo do animal está num plano inferior ao plano do corpo humano;
- existe uma oposição entre a horizontalidade do corpo do animal e a verticalidade do corpo humano;
- o dispositivo arquitectónico em que é depositado o animal é construído com pedras, a estrutura em negativo onde foi depositado o corpo humano foi construída com sedimento;
- os níveis pétreos são, em termos arquitectónicos, contrastantes com a Estrutura N.º1; ao contrário do interface vertical onde está depositado o corpo humano que duplica, ajustando às dimensões do corpo, a configuração da Estrutura N.º 1, a horizontalidade dos níveis pétreos é oposta à verticalidade da Estrutura N.º1.

Considerando estas diferenças, ou oposições, que nos sugerem as relações contextuais em que se encontram os corpos, é de salientar que o Momento II adquire uma dimensão de separação dos dois corpos que pode estar para além das temporalidades das práticas em que um e outro corpo participam, podendo ser correlativo de um ordenamento do mundo que privilegia a diferenciação da espécie humana face aos restantes elementos que constituem esse mundo. Se esta sequência de Momentos é sintomática dessa diferenciação, o facto dos corpos estarem reunidos na mesma estrutura sugere a possibilidade dessa diferenciação ser gerida em função de múltiplas variáveis. Na próxima proposta de sequência de Momentos, admitimos que essa “reunião dos corpos”

pode ser correlativa de um único Momento.

Na Matriz Estratigráfica C (Figura 7) está representada uma sequência constituída por dois Momentos:

– Momento I: este Momento corresponde à totalidade das unidades contextuais relacionadas com as deposições dos corpos. É um Momento que, ainda que constituído por múltiplos sub-momentos (o I, II, III e IV que consideramos na primeira sequência, por exemplo), se evidencia por articular materiais de distinta natureza: pedra, terra, corpo humano, corpo animal, fragmentos cerâmicos e elementos líticos. Uma profusão de materiais juntos que re-significam o sentido de cada um deles pelas relações construídas nas práticas em que participam. É de salientar que nesta profusão de materiais existe uma lógica de adição em que os níveis sobrejacentes são ocultados, fazendo da estrutura o palco de sucessivos momentos de deposição e construção.

– Momento II: neste momento concorrem os mesmos materiais, à excepção dos corpos, a sua topografia permite-nos pensá-lo enquanto momento de colmatação/ocultação da sequência de deposições e construções anteriores.

Para além destes aspectos, que se prendem com

as características das unidades que compõem os Momentos, existe um outro elemento cuja consideração é pertinente quando se tenta compreender a temporalidade das deposições/construções da Estrutura N.º 1. Com efeito, durante o estudo dos materiais constatámos que o conjunto artefactual era constituído exclusivamente por fragmentos de artefactos (recipientes cerâmicos e elementos líticos). Nas colagens efectuadas, a maioria parece-nos decorrentes de fenómenos pós-depositacionais. Porém, existe uma colagem entre dois fragmentos de um dormente em granito provenientes de contextos muito distintos: um deles do nível pétreo de colmatação do enchimento da estrutura e outro do nível pétreo da base da estrutura (Figura 8). Enquanto indicador de uma prática de fragmentação que participa na construção da estrutura, esta colagem é também um indicador de uma temporalidade que nos permite pensar a possibilidade da construção da estrutura num *tempo que se completa na própria construção da estrutura*. Um tempo em que a arquitectura enquanto prática se torna um modo de reunião de coisas diversas e de resignificação da animalidade e humanidade dessas coisas.

ANEXO I - ANÁLISE DO MATERIAL FAUNÍSTICO

No que diz respeito ao material faunístico proveniente do interior da Estrutura N.º 1, foi recuperado um total de 132 restos faunísticos originários das várias UE's que compõem a estrutura. A unidade que forneceu uma amostra mais numerosa foi a UE 110, que corresponde ao esqueleto quase completo em articulação de suíno. Das restantes unidades foram recuperados um metacarpo e um metatarso fragmentados de vaca, nas UE's 111 e 113, e um fragmento de molar de Ovino/Caprino proveniente da UE 105 (Quadro 1). Os restantes fragmentos não se encontravam em condições passíveis de identificação taxonómica, pelo que a integração se fez apenas ao nível da classificação por classe de tamanho, de médio (onde se integram os ungulados do tamanho de ovinos e caprinos) ou grande (compatível com o tamanho de vacas ou veados).

Os restos faunísticos revelaram na generalidade um nível de preservação bastante precário, com superfícies muito erodidas, sendo rara a recuperação de epífises preservadas.

No que diz respeito aos restos de suíno em

articulação na UE 110, não foi possível a classificação inequívoca ao nível da espécie uma vez que é difícil a distinção entre javali ibérico ou porco doméstico devido à semelhança morfológica (Albarella *et al.*, 2005) pelo que a classificação ficou pelo género. O grau de imaturidade dos restos indica a presença de um indivíduo juvenil, que, pela análise do estado de ligação das epífises dos ossos longos e desenvolvimento do 3º molar inferior se enquadraria, segundo Bridault *et al.* (2000), entre os 9 e os 16 meses de idade.

De notar a ausência das extremidades dos membros anteriores, não se tendo registado a ocorrência de ulnas ou rádios ou elementos do carpo. Apenas foi recuperado um fragmento de metacarpo em posição anatómica. A análise das epífises distais não fusionadas dos úmeros não revelou nenhum traço de corte que apontasse para a desarticulação intencional dos rádios e ulnas, facto que o estado de preservação precário das superfícies osteológicas poderá ter ocultado (Quadro 2, Figuras 9 e 10).

No panorama actual dos nossos conhecimentos,

parece mais frequente a associação de partes de animais, ou mesmo ossos isolados, a contextos funerários contemporâneos da Horta do Jacinto, do que propriamente partes de animais em articulação, caso da necrópole de Belmeque (Oliveira, 1994), Outeiro Alto 2 (Valera e Filipe, 2010) ou Torre Velha 3 (Alves et al, 2010). O contexto da Estrutura N° 1 da Horta do Jacinto constitui neste caso, ainda, uma excepcionalidade.

	<i>Bos taurus</i>	<i>Sus sp.</i>	<i>Ovis / Capra</i>	Médio Porte	Grande Porte	Total
UE 105						
Molar superior			1			1
UE 110						
Fragmento de crânio	1					1
Fragmento de mandíbula	2					2
Atlas	1					1
Frag. de vértebras cervicais	3					3
Frag. vértebras torácicas	6					6
Frag. vértebras lombares	7					7
Frag. vértebras indeterminadas	30					30
Frag. de costelas	40					40
Frag. escápula	2					2
Úmero	2					2
Pélvis	2					2
Fémur	2					2
Tíbia	2					2
Fíbula	1					1
Frag. metópodos indeterminados	10					10
Astrágilos	2					2
Calcâneos	2					2
UE 111						
Frag. vértebra indeterminada			1			1
Frag. metacarpo	1					1
Calcâneo			1			1
Fragmentos indeterminados			2			2
UE 113						
Frag. mandíbula				1		1
Frag. metatarso	1					1
Fragmentos indeterminados				1		1
UE 114						
Frag. pélvis			1			1
Frag. osso longo			1			1
Frag. indeterminados			6			6
Total	2	115	1	12	2	132

Quadro 1 – Listagem taxonómica.

Elementos	
3º molar inferior	Incluso
Úmero distal	Fundido
Tíbia proximal	Não fundido
Tíbia distal	Não fundido

Quadro 2 – Análise do estado de maturação de ossos longos e dentição.

AGRADECIMENTOS:

Este trabalho não teria sido possível sem o empenho de todos os elementos que compõem a equipa de campo e de gabinete. Os desenhos e fotografias de espólio ficaram a cargo de Rui Pinheiro e João Molha, respectivamente. O estudo e inventário do espólio recuperado foi efectuado por Lídia Baptista e Nelson Vale, com o apoio de Francisco Barros, José Grilo e

Cláudio Jorge. As ilustrações foram realizadas por Lídia Baptista e Rodry Mendonça. A todos, o nosso agradecimento.

Gostaríamos agradecer à Zélia Rodrigues, pela sua ajuda com o estudo de antropologia e à Lesley McFadyen por discutir connosco algumas das ideias que apresentamos aqui.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, C., COSTEIRA, C., ESTRELA, S., PORFÍRIO, E., SERRA, M., SOARES, A. M. M., MORENO-GARCÍA, M. (2010) – “Hipogeus funerários do Bronze Pleno da Torre Velha 3 (Serpa Portugal). O Sudeste no Sudoeste?” *Zephyrus*, LXVI, pp. 133-153.
- ANTUNES, A.S.; DEUS, M.; SOARES, A.M.; SANTOS, F.; ARÊZ, L.; DEWULF, J.; BAPTISTA, L.; OLIVEIRA, L. (2012) “Povoados Abertos do Bronze Final na Médio e Baixo Guadiana” *Sidereum Ana II – El valle del Guadiana en el Bronce Final* editado por J. Jiménez Ávila. CSIC, Instituto de Arqueología de Mérida, Anejos de Archivo Español de Arqueología, pp. 277-308.
- ALBARELLA, U., DAVIS, S. J. M., DETRY, C., ROWLEY-CONWY, P. (2005) – “Pigs of the “Far West”: the biometry of *Sus* from archaeological sites in Portugal”, *Anthropozoologica*, 40, 2, pp. 27-40.
- BRIDAULT, A., VIGNE, J.-D., HORARD-HERBIN, M.-P., PELLÉ, E., FIQUET, P., MASHKOUR, M. (2000) – *Wild boar - Age at death estimates: The relevance of new modern data for archaeological skeletal material.1. Presentation on the corpus. Dental and epiphyseal fusion ages*”, *Ibex Journal of Mountain Ecology - Anthropozoologica*, 31, pp 11-18.
- FERREIRA, Teresa (2008) - *Horta de Jacinto, Bloco de Rega do Pisão, Beja*, Estudo de Análise Antropológica, policopiado.
- OLIVEIRA, J. C. (1994) - “Apendice I Estudo do Espólio Ósseo de Sepulturas do Bronze do Sudoeste”, *Actas das V Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. 2, pp.185-186
- POLLARD, J. (2001) - “The aesthetics of depositional practice”. *World Archaeology*, vol.33(2), pp.315-333, Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/827905>, accessed 24/01/2009.
- VALERA, A. C. & FILIPE, V. (2010) - “Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): Nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico Final à Idade do Bronze”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 5, pp. 49-56.

FIGURAS

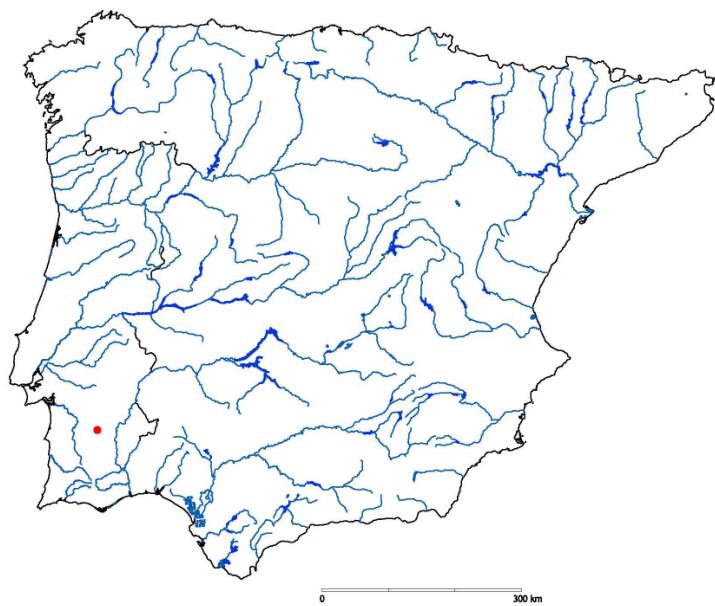


Figura 1 - Localização de Horta do Jacinto na Península Ibérica.

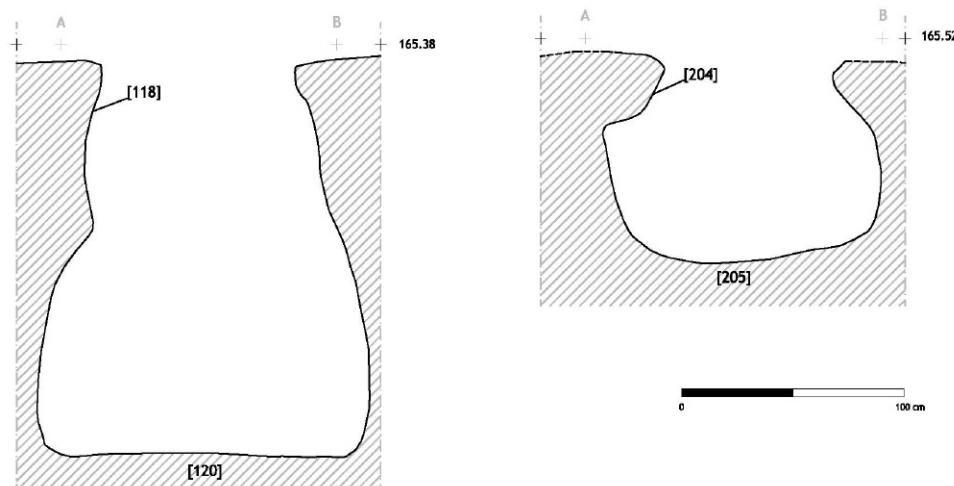


Figura 2 - Secção das Estruturas (N.º 1 à esquerda e N.º 2 à direita).

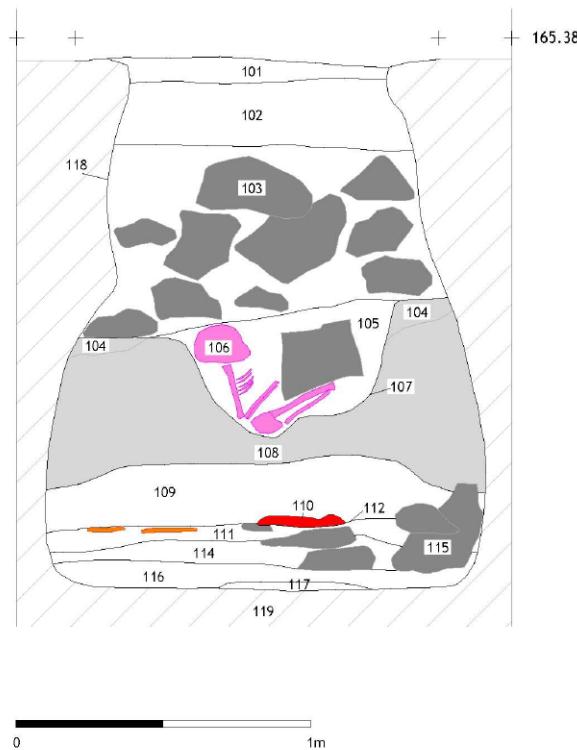


Figura 3 - Sequência de enchimento da Estrutura N.º 1.



Figura 4 – Nível correspondente à inumação do corpo do animal (U.E. 110).



Figura 5 – Nível correspondente à inumação do corpo humano (U.E. 106).



Figura 6 – Nível pétreo de colmatação da estrutura.

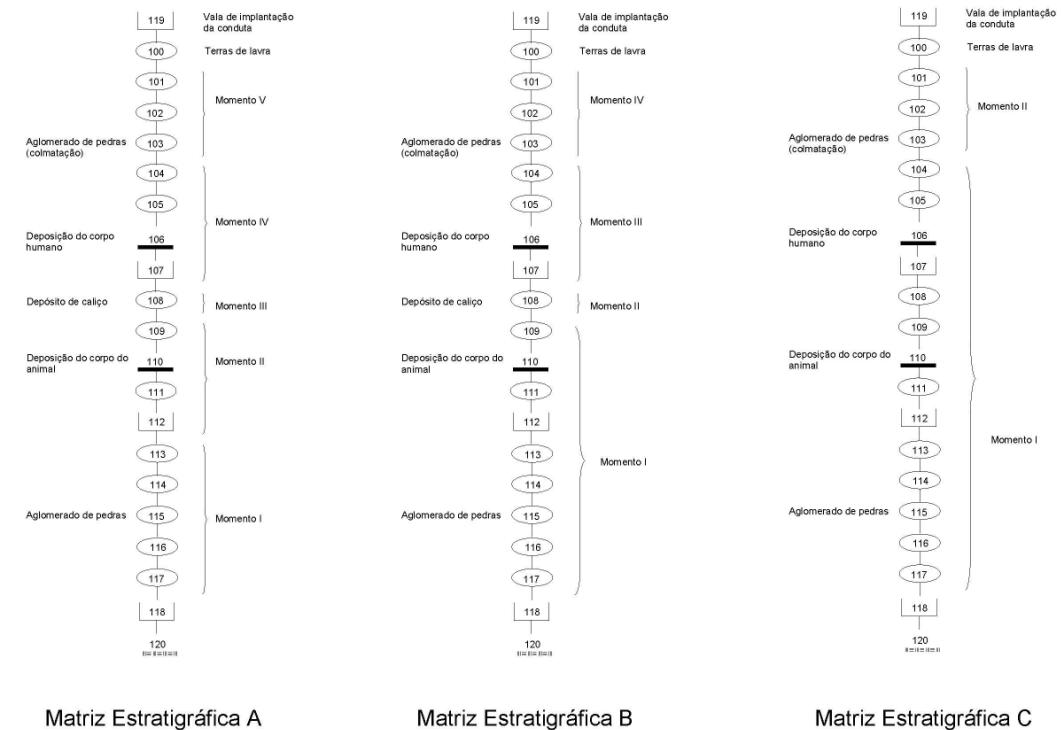


Figura 7 – Matrizes.



Figura 8 - Colagem de fragmentos de um dormente em gábrito provenientes do nível de colmatação da estrutura e da base pétreia onde foi depositado o animal.

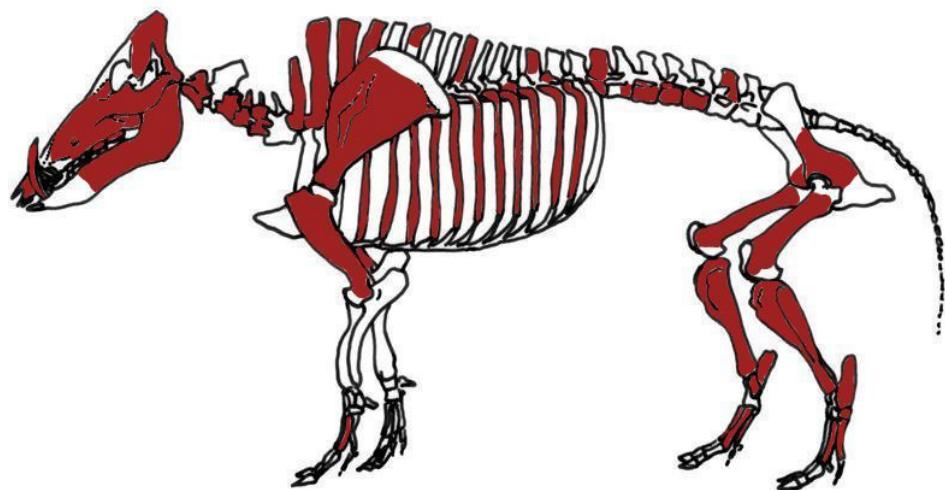


Figura 9 – Representação anatómica do indivíduo *Sus* sp.



Figura 10 – Fragmento de mandíbula esquerda; tíbia esquerda.